

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME V

Ademir Pascale
organizador



Conexão Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-32309-1

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- TEMPO PERDIDO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 05
OS SENTIMENTOS DOS SEGUNDOS, POR ALDO MENDES FILHO, PÁG. 07
SEGUNDOS, POR ANA MARINA GODOY ZANOTTI, PÁG. 10
A DISTÂNCIA DOS RELÓGIOS, POR BIA, PÁG. 12
O TEMPO ENTRE PONTEIROS, POR EDINEY LINHARES DA SILVA, PÁG. 18
O TEMPO, POR FAUSTO ROBERTO VEDDOY BARCELLOS, PÁG. 20
O TEMPO DA VIDA É TÃO EFÊMERO..., POR LEANDRA CALEIDOSCÓPICA, PÁG. 22
A VALSA E O TEMPO, POR MARCOS CARNEIRO, PÁG. 25
CALEIDOSCÓPIO DO TEMPO, POR MILENE MENEZES MONTEIRO, PÁG. 27
TEMPO LÍQUIDO, POR ROB ALME, PÁG. 30
PARALELAS, POR SELLMÁ LUANNY, PÁG. 33
SESSENTA, POR SELLMÁ LUANNY, PÁG. 35
MADRUGADA, POR SELLMÁ LUANNY, PÁG. 37
DESNODOAR, POR SELLMÁ LUANNY, PÁG. 39
TEMPO A DEVANEAR, POR ULISSES RAMBO CARNEIRO, PÁG. 41
DOMUS, POR ULISSES RAMBO CARNEIRO, PÁG. 44
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 46

POEMAS
SOBRE O
TEMPO

VOLUME V

Ademir Pascale
organizador

Conexão Literatura

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo perdido

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Ferreira Reis é Psicóloga, Psicanalista, Teóloga e com enorme gosto pela literatura. É autora de poemas e contos publicados em diversas antologias. Ela também se dedica à organização de Coletâneas Literárias, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário.

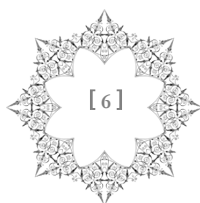
Perdi meus dias no percurso,
Pensando ter muito a ganhar.
Fiz do temor meu recurso,
Deixei a vida passar.

O relógio marcou o vazio,
Promessas que não cumpri.
Nos meus olhos, um mar tão frio,
De sonhos que nunca vi.

O que resta senão o pranto
Do tempo que não usei?
Um lamento que é espanto,
Do que nunca encontrei.

As horas viraram poeira,
Guardadas dentro de mim.
Minha voz, fraca e alheia,
Se cala ao ver o fim.

Agora o silêncio responde,
Sussurra o que eu não quis ver.
No passado o que se esconde
É tudo que eu podia ser.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Os sentimentos dos segundos

Por Aldo Mendes Filho

Formado em Ciências Sociais na UNESP e mestre em Educação pela UNICAMP, professor de filosofia e sociologia, além de ser apaixonado pela arte da literatura, possui livro e artigos publicados na área educacional, bem como poemas, contos e crônicas em antologias e revistas literárias de várias editoras. Nascido e residente na cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

O tempo controla o mundo, controla a vida
Não sabemos o nosso tempo ao certo
Mas sabemos que o tempo possui sobre nós primazia
Muitas vezes, vemos nossa vida como um futuro incerto

Problemas em nosso cotidiano, dores da desilusão
O tempo, esse cicatriza apesar dos traumas que vivemos
A ferida da decepção de um amor em desconstrução
Os anos reforçam os posicionamentos que escolhemos

Parte da vida corremos contra ele, nas partes boas da vida ele é rápido
Sempre vivemos com o nosso tempo controlado, apertado
Muitas vezes ao fugir dele, acabamos com nosso tempo em um ato desmedido
O tempo corrói a vida, nossa felicidade some de modo inesperado

Mas não vivemos só de lamentos e tristezas
Nosso tempo constrói momentos de delicadeza
Lembranças de nossa infância e de aventuras incríveis
Memórias guardadas de parentes e amigos inesquecíveis

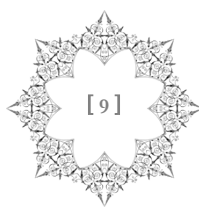
A alegria cristalizada em momentos que foram rápidos
Mas alegram-nos sempre que recordamos de simples instantes
Pode ser um aniversário, um último abraço, momentos cintilantes
Só o tempo constrói e destrói tudo de modo tão impávido

Nossa mente, armazena os momentos felizes
As vezes lembramos de tempos difíceis, buscamos ignorar
Lembranças são importantes, boas ou ruins, valem as reprises
São parte de nossa vida, armazenadas ao longo dos anos em um lento florir

O tempo molda como o vento, como o mar em constante movimento
Faz promessas de melhores dias, algumas são cumpridas

Outras desaparecem como um processo de desvanecimento
Pobre de nós, humanos, a espera de que a sorte seja atrevida

Vale a pena ter esperança com o futuro?
É importante não perder o bom humor frente ao desconhecido?
O tempo estará ao nosso lado, sempre, no claro ou no escuro
Basta a nós apreendermos a conviver com este eterno intrometido



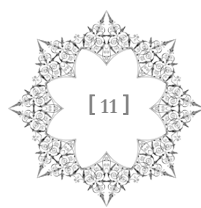
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Segundos

Por Ana Marina Godoy Zanotti

Ana Marina Godoy Zanotti é paulista de Campinas, mas reside em Curitiba desde a infância. É empregada pública, advogada, jornalista diplomada e turismóloga, com diversos cursos de pós graduações. Escritora premiada com publicações acadêmicas e literárias. Está retomando sua vida literária e tem na escrita sua paixão. Mãe de Maria Elena, uma de suas inspirações.

Por entre
As cinzas das nuvens
Me arranha a imagem
Do céu
No negro mar da solidão.
Em segundos
Vejo nascer a morte
Inventada pelo homem.
E, em segredo,
Espero
O renascer dos sonhos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A Distância dos Relógios

Por Bia

Isabelle Leandro enfrenta desafios internos e experiências difíceis em sua vida. Criada em um lar cristão, teve dificuldade em seguir os ensinamentos familiares, principalmente por causa da relação pouco saudável com a avó. Atualmente, trabalha em um escritório de Gestão de Ponto de Venda, buscando estabilidade.

A escrita nas horas vagas revela sua busca por uma forma de expressar sentimentos e pensamentos, funcionando como uma válvula de escape.



< o tempo, nada mais é do que uma duração de fatos >

-^_^^^_^FATO 0.01 -^_^^^_^:

houve um dia em que parei e me perguntei:
o meu tempo não é o mesmo que o seu. Correto?

Minhas 24 horas nunca foram iguais às suas.
O tempo que levo para viver, para agir, e o mais,
é sempre diferente do seu.

Então, houve um dia em que parei e me perguntei:
o meu tempo não é o mesmo que o seu. Correto?

Será que incomoda?

Será que essa diferença fere?

Às vezes, é isso que eu me questiono.

Porque o nosso tempo não se encontra,
mesmo quando compartilhamos o mesmo espaço.

Quando falamos, quando olhamos,

eu ainda vejo você à frente.

Não só no corpo, mas nos pensamentos,
nas palavras, nos sentimentos.

Até nas ações, você já foi.

Já avançou em tudo. Já viveu o que ainda estou aprendendo.

E é aí que me perco: tentando fazer o tempo andar no meu passo.
Tentando me encaixar nesse relógio que só parece correr para frente
junto de você,
enquanto eu insisto em buscar um respiro entre os segundos.

Talvez, por isso,
tenha escolhido um caminho sem volta — não o mais fácil,
mas aquele que, com o tempo, dói menos.
Decidiu encerrar antes que a espera se transformasse em angústia.

Não me cabe julgar quem não entende o meu ritmo,
quem não consegue acompanhar a intensidade do meu ser.

Nem aqueles que desistem,
que não conseguem esperar.

E eu entendo.

Mas, no fundo, parte de mim ainda acreditava
que você poderia entender o meu tempo.
Que, de alguma forma, pudesse caminhar comigo,
numa trilha onde não houvesse pressa,
onde o amanhã não precisasse chegar antes do hoje.

Às vezes, as coisas não precisam ser feitas com urgência.

Algumas delas pedem apenas um pouco de tempo,
um espaço para respirar, para pensar, para sentir.

Quando falamos, quando olhamos,
eu ainda vejo você à frente.

Mesmo assim,
mesmo nos tropeços, perdida,
eu tento..., mas não sei ao certo.

Será que estou vivendo certo, nesse tempo?

Será que, nele, vou encontrar um espaço para respirar,
para pensar, para sentir?

Para, então, poder agir, falar e presentear?

E até mesmo para mostrar quem eu sou, o que eu desejo, e
o que eu vivo?

estou vivendo isso da forma certa?

por que eu estou sozinha em um tempo e espaço diferente?

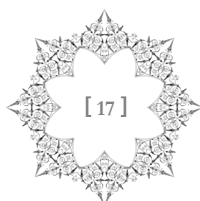
Uma vez no presente,
duas vezes no passado.

Mesmo nos tropeços, perdida,
eu só queria saber se seria possível
fazer com que o meu tempo
se encaixasse no seu.

Minhas 24 horas nunca foram iguais às suas.

O tempo que levo para viver, para agir, e o mais,
é sempre diferente do seu.

Então, houve um dia em que parei e me perguntei:
o meu tempo não é o mesmo que o seu. Correto?



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo entre ponteiros

Por Ediney Linhares da Silva

Escrever é a essência que me identifica, refaz e ressignifica. De certo, não seria eu mesmo sem meus Pensamentos Linharescos e sem as histórias que tenho para contar, os conselhos para dividir e as reflexões para compartilhar. Essas letras e palavras também sou eu, mas as vezes sou os sinais, as reticências, geralmente. Nas caixas que costumam nos separar assumo os rótulos de assistente social, mestre em ensino na saúde, professor universitário, avaliador de trabalhos em eventos acadêmicos, mas fui filho, sou irmão, tio, sou amigo, sou amor de pessoas que me fazem bem. E é isso o que importa.

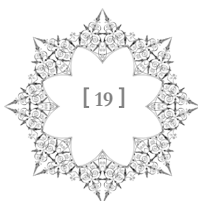
Tic-Tac, não alarme, nem música programada.
Revoada através da janela,
Quanta espera pro tempo que eu quero...

Tic-tac, quanto anseio, que receio de perder o que eu tenho.
No canto, desenho, um futuro não só meu ou seu.
Moveu o que logo eu guardei com amor.

Entre um tic e outro tac, algo bate, tão forte quanto penso,
Momento tenso o que vejo...
Um despejo, um final, uma despedida sem igual.

É fato que o relógio não me concede (tempo).
Arremete em velocidade,
Dor que invade o peito aberto.
Nada certo, a não ser a certeza do vivido.

E tendo ido, me confirma:
Tempo bom mesmo foi aquele que vivi entre os ponteiros.
Valiosos, verdadeiros...
Que tanto me deram e ensinaram.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

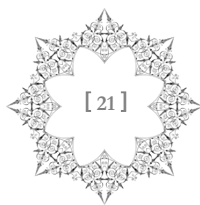
O tempo

Por Fausto Roberto Vedoy Barcellos

Nasceu gaúcho de porto alegre em setembro quase na primavera.
Estudante de veterinária.



O Tempo, o tempo que passa,
o tempo que rasga,
o tempo que seca,
o tempo que vai e vem.
O tempo que constrói e destrói.
O tempo que nega e leva o passado com o vento.
O vento que sopra e carrega o pensamento,
pensamento que rasga a minha carne, fria e podre sedenta de vida.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo da vida é tão efêmero...

Por Leandra Caleidoscópica

Leandra Caleidoscópica ama o pôr do sol, escreveu seu primeiro poema aos 9 anos. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Anhembi Morumbi em 1999; e em Jornalismo Literário - Narrativas Biográficas na Educação, Comunicação e Desenvolvimento Humano em 2018. Participou do Laboratório de Redação do Museu Lasar Segall em 2001, realizou Oficinas de Escrita Criativa e de Crônicas de 2015 até 2017 no SESC Pinheiros e Curso Livre de Preparação do Escritor na Casa das Rosas de SP em 2019. Criou a @coletivagirassol espaço de obras de escritoras com deficiência. Tem 8 poemas publicados em uma antologia da turma do Museu Lasar Segall; e em 2025 terá um poema publicado em revista do SESC RJ, e um poema, um conto e duas crônicas no Selo Off Flip.

Passa... Tudo? Ou quase...
O que fica não passa na memória...
E a alma vai voar em outras nuvens com as lembranças...
Cada milésimo de segundo se eterniza...
Cada sorriso... Cada olhar...

Hoje vivo o ontem, o agora e o depois. Tudo junto...
Só o que fica quando formos embora é o que foi vivido com intensidade...
Quando respiro fundo e olho para trás vejo que vivi tantas existências...
Tantos tempos...

Fui alma sofrida gritando para me livrar da dor de outras vidas...
Depois fui criança divertida que brincava para não sentir dor...
Aí fui crescendo e aprendendo a viver com a dor
Não só a do corpo... Mas a do espírito sedento de mais vida!
O sentido de cada nova música aprendida e cantarolada, hoje eu entendo...
Era para suportar a angústia de viver com medo de não conseguir sobreviver feliz em meio
à dor...
Era preciso mostrar ao mundo, a quem estava bem próximo a mim; e a mim mesma, que
eu conseguia viver feliz com dor. E no meu tempo...

Quando menos esperei tantos sonhos foram realizados...
Mas hoje sei que para chegar até eles, eu sofri muito...
Exigi do meu corpo? Ou será que naquela época era o que ele podia me dar?
A cada passo com andadores, muletas e até um pouquinho só com as pernas
cambaleantes me levaram a segurança interna de que poderia alcançar vôos altos!
Tiveram diversas quedas... Muitos tombos! E o poço da dor emocional foi profundo...
Mas aí eu levantei! Nem sei como...

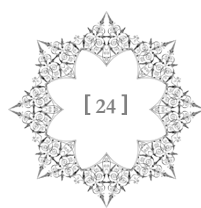
O amor me salvou!!
O amor único e intenso
Não apenas de uma pessoa iluminada, mas do meu amor próprio

Conheci a mim mesma por meio desse amor...

Hoje me amo! E amo cada dia mais o meu amor!

Sou feliz e não tenho medo de dizer que a vida pode ser efêmera!

Tenho muita história para contar dela justamente porque me deixei levar por cada minuto ao seu lado...



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A valsa e o tempo

Por Marcos Carneiro

Marcos Antonio Silva Carneiro é maranhense e escreve contos desde os 10 anos. É jornalista, assessor de comunicação, canhoto e canceriano.



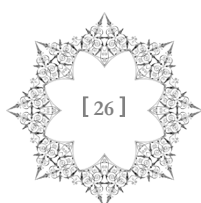
O que seria o tempo? Ele não é sentimento, não é coisa tangível, pode parecer controlável pelo tic tac de um relógio, mas o tempo é das mais intrigantes subjetividades. Ele não existe de fato, mas é uma entidade, um nome que nos acostumamos a dar para aquilo que temos entre a morte e a vida.

É isso. O tempo é aquilo que compõe a linha entre a vida e a morte. Somos donos dele? Não. Ele é coisa desobediente. Não volta, não se acelera porque queremos, e muito menos para seu curso. Ele segue, nos persegue, nos sequestra. Temos uma síndrome de Estocolmo pelo tempo.

Mas ao mesmo tempo, olha que coisa, ele se doa a nós. O livre arbítrio é a oportunidade para que dancemos com o tempo a valsa do destino.

Além de dançarino, ele é observador, capta nossas escolhas, testemunha as consequências e decide sobre quanto de si vai nos dar.

Quantas valsas o tempo me dará?

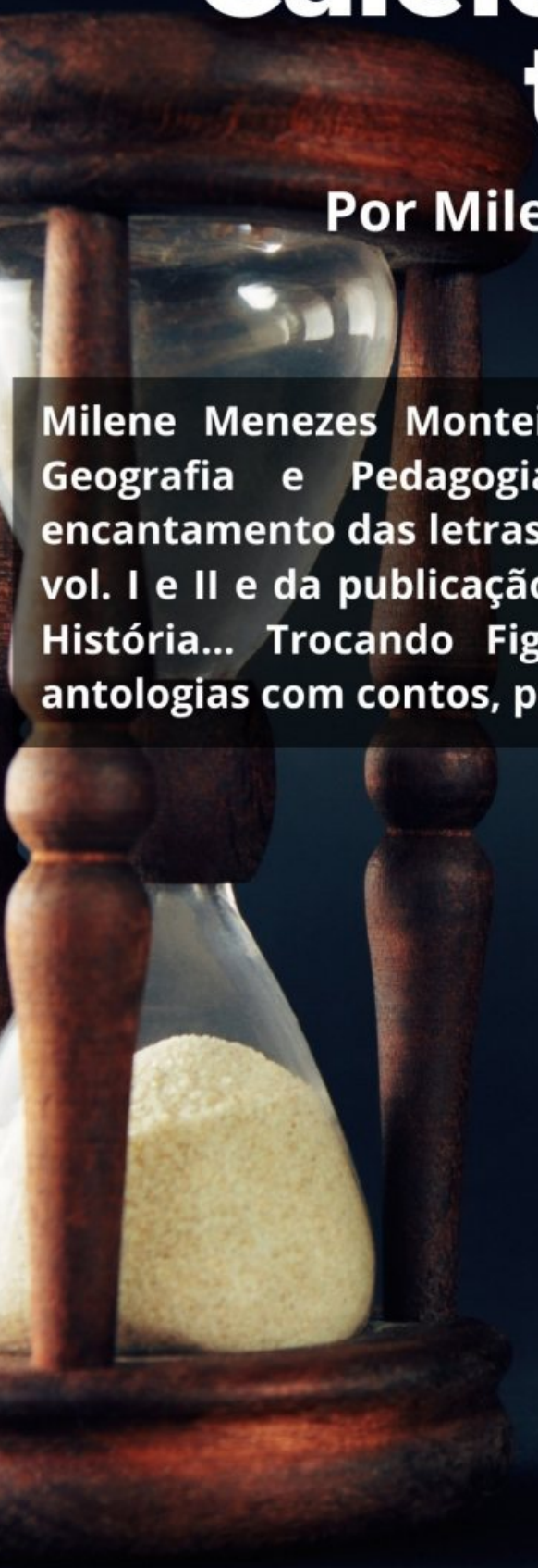


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Caleidoscópio do tempo

Por Milene Menezes Monteiro

Milene Menezes Monteiro é cearense de Fortaleza, formada em Geografia e Pedagogia, professora e escritora guiada pelo encantamento das letras. Participou do livro "o Liceu do meu tempo" vol. I e II e da publicação do projeto "Professor Autor 2020: Fazendo História... Trocando Figurinhas" volume 2. Participou de várias antologias com contos, poemas e poesias.



O tempo em sua existência se entrelaça com o fio da vida,
Interligado às estrelas pulsa com a respiração do universo,
Não é mensurável, apenas dança com a sinfonia da vida,
Em um labirinto de memórias, onde sentimos dores e risos.

No calendário do tempo, segundos podem ser séculos,
O passado, o presente e o futuro se encontram no agora,
Dando forma ao que sentimos, flui em diferentes espaços,
Assim é o tempo, quando a mente vagueia em movimento.

O tempo é moldável, se estica e se condensa nas estrelas,
O tempo é uma construção do espírito no relógio cósmico,
Como uma harmonia em períodos de alegrias instantâneas,
Transformando minutos em eternidades, em um instante.

O tempo mecânico é linear, marcam-nos com suas batidas,
É um tempo superficial, fixo e duro, um reflexo da consciência,
O tempo subjetivo é fluido, maleável, revela-se como conceito,
Tudo é complexidade na sua grandiosidade enigmática.

O tempo é um mistério insondável, um enigma que desafia,
A realidade pessoal, quando edifica e demole, distorce e recria,
É uma experiência única, irreplicável e vital que se escoia,
E se esvai, como areia na ampulheta, ou desenho na praia.

O tempo apesar de ilimitado é um ciclo que nunca se cansa,
Um sonho sem fim, que deixa rastros, marcas na passagem,
Um mistério que perpetua no infinito e estende além da vida,
No tempo existe a trama do ser, que traz o sopro do eterno.

Mas o tempo não é só avançar, nos intriga com passos sutis,
A busca por respostas, por cada lágrima que rola ao chão,
É uma trama bem tecida como uma teia complexa de aranha,

Uma força que nos move e nos modifica no coração e mente.

O tempo é um conceito fluido, sutil e como a bruma nos molda,
Um instante gerado que nunca volta e renasce em cada instante,
Como um sussurro no vazio, sem forma ou som, é invisível,
O tempo é um laço, um fragmento, um vínculo infinito.

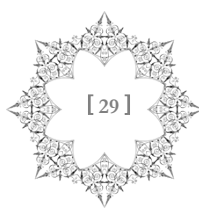
O tempo é uma construção no labirinto fugaz da mente confusa,
Ao desvendar o seu caos na quietude da contemplação perene,
Então surge o tempo, sublime com sua estrutura de um vapor,
E se desfaz, entre o caos e ternura e se dilata e insiste em ressoar.

O tempo é o reflexo do amor sagrado, que se arrasta ou voa,
Como um véu em um vendaval que oculta à verdade explícita,
Em seus braços sou epílogo, na minha mente, meus devaneios,
O tempo em medida é uma ilusão, de duração e movimento.

O tempo é o espelho numa projeção de vida do tear celestial,
A causalidade dessa ilusão organiza experiências rígidas e frias,
Em caixas cronológicas, em fragmentos singelos e esculpidos,
Num fluxo ininterrupto que insiste em traçar rotas de causa e efeito.

O tempo é o mestre numa trama que marca a nossa cadência,
Um relógio frágil na essência do errante que tenta aprisioná-lo,
Tentativa tosca, inútil e fútil, ele segue seu curso inalterável,
Implacável e linear, não para, é um fluxo contínuo e abrupto.

Por isso, deixo aqui meu poema, meu caleidoscópio do tempo,
Que movimentava a vida em episódios fragmentados e cenas,
Que transformam a memória, recria e redistribui sensações,
Pois, o tempo transcende em ciclos paradoxais sua fugacidade.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

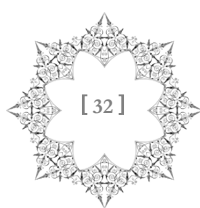
Tempo líquido

Por Rob Alme

(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

Linhas curvas em ondas glosadas
Tempo, lanço prudente o eixo em ti
Às vezes, és sol que me afaga
Como semente na chuva, faz-me a flora
Ou me encharca
Roda gigante sem ponto parada
Circunferência sem planos, sem nada
Montanha russa desgovernada
Noutras as rédeas curtas, bem retesadas
Isso é o danado menino-velho-matusalém chamado tempo
Ele sempre será essa envaidecida ambiguidade
Mar revoltado tempestade
Mero barco a vela tranquilidade
Tem hora que o alcanço nas mãos, ele esguia
Eu arco e flecha, ele pontaria
Luta infinda bravo guerreiro, eu, ousadia
A sua pressa como cavalo Pégaso
E eu montaria
Há hora de praias cálidas, às vezes rio
Noutra fonte de água morta, banho frio
Dita a letra o som
Eu tateio no silêncio a melodia
Sem urdidura
Eu sou as simples linhas
Ele - o tempo - a partitura
Trilha incessante algo bruto
Noutras, cheio de escolhas um prostituto
Oh!Tempo, de encontros de esquinas
Às vezes, a sorte é lançada, outras a sina
No paraíso, às vezes, sou lançado,
Noutras em sertão agreste
Oh! Tempo desalmado

Ora é abismo, noutras é ponte
Noutras é colina, prados e montes
Tempo, senhor de todos nós
Eu vivo na imensidão de pedaços teus
Navegando no paradoxo do navio de Teseu
Vou a costurar os retalhos
Serpenteando os caminhos
Sem seguir atalhos
O tempo é mediador
Mede a dor sem constrangimento
Às vezes, a angústia, o sofrimento
Tempo, quem amealhara a vida inteira?
Advogado que tu és dos inconformados
Com coroa de flores na soleira
Ora adiante, ora atrás.
Tempo-remo, nostalgia.
Tempo moleque astuto
Tempo, ávida a vida corre à tona de ti
Saibas:
És senhor do instante absoluto.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Paralelas

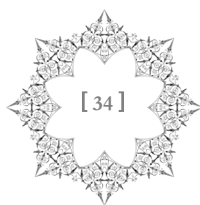
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

De Bach, magnífica "Air"
continuamente vai,
rumo a nada (ou sem rumo?)...
única, poucos a resvalam, poucos
a contemplam... mas quem a apreende?
Ao seu fim, linhas se destinam.
Levemente, à repulsa ou atração,
se desviam ou abaulam.

Se houve um inicial momento
em que tudo era uno,
não se tem registro.
A partir da suposta individualização,
a corrida à existência a condenar
ao contínuo afastamento.

Contingências que seguem... sós.
E sofrem... por serem sós.
Tantos esforços de interação!
Mas fadadas a paralelamente
seguirem... únicas... sós.
Destino? Castigo? Herança? Acaso?
Na multiplicidade, na individualidade...
O isolamento eterno... só.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sessenta

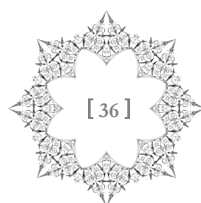
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Mais uma transição
convencionada.
O que se sente?
Machuca... ou não?
Depende do momento e de si.
Da reflexão ocorrida.

Quando se abstrai de datas,
outros valores afloram.
Inexorável... o envelhecer.
Os anos... limites decorativos.
Décadas... marcas sem mérito.

Constante é o fardo.
Contínua é a vida.
Seguido por outro, cada instante.
A qualidade não vem em números.
Não se vive aos pulos.
Na existência não há hiatos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Madrugada

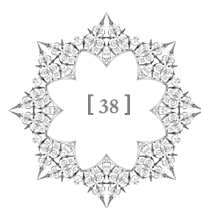
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Chronique

QUARTZ

Como um vivente
a incomodar o sono,
a hora, agora,
a tirar-me da leveza da ausência.
Entre espectros meus,... a me esquivar.
Imersa numa fantasiosa "realidade"
a sacudir a existência afora.
Assustadora disforme forma
do angustiante breu da hora.
E minha fragilizada mente,
consumida por tênues conexões,
aflita, à espera da aurora.

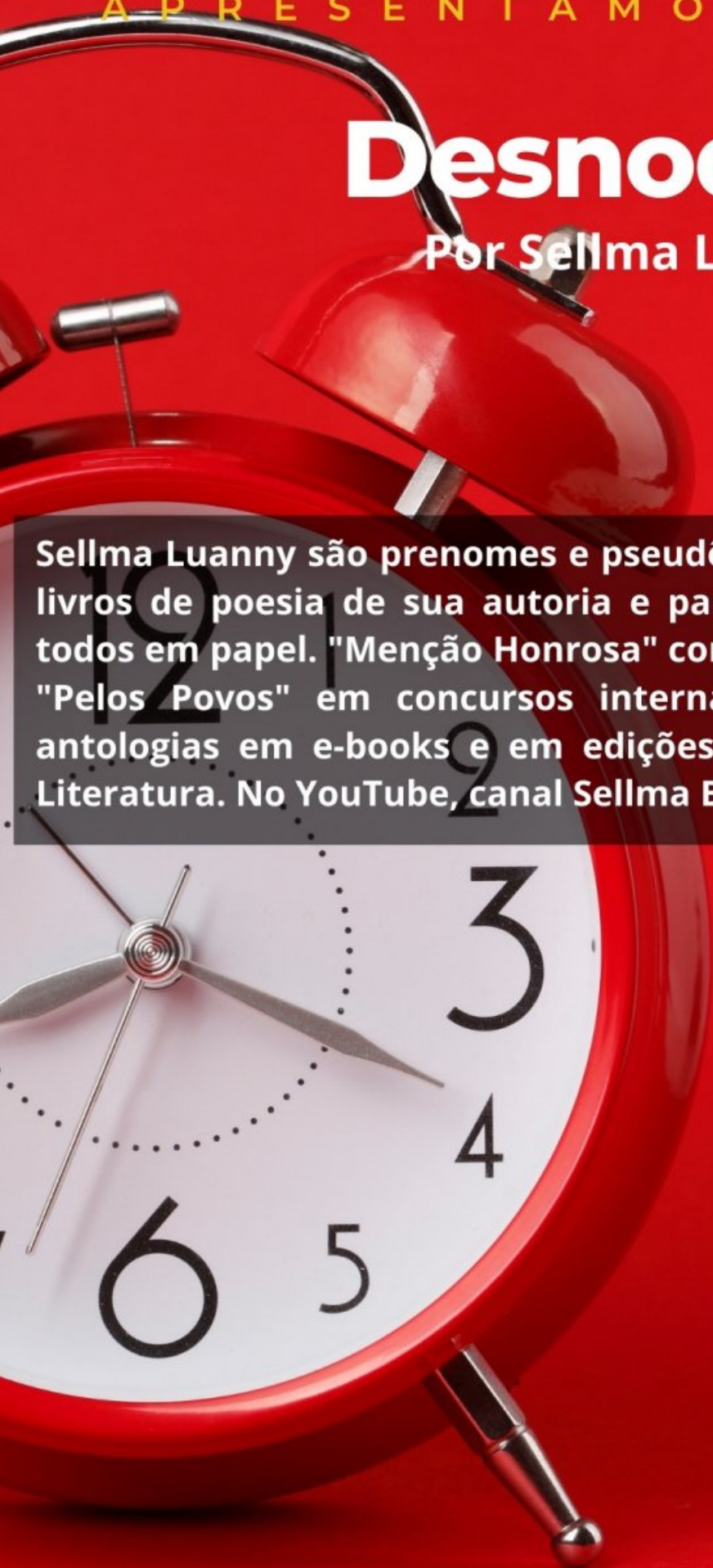


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Desnodoar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Se você quiser conhecer um pouco de si... ah, meu querido,
seria preciso desnudar-se de artifícios e andar... muito... só,
sem retroceder... até cansar os seus pés!

Caminhar sem aparatos, sem companhias. Compromissos
somente consigo. Deixar o pensamento fluir para si.

Sem pensar em nada que não venha de dentro,
toque naquela nódoa que o incomoda.

Aquela que bem lá no fundo, vai-se avolumando.

E que você tenta ignorar... camuflada talvez,
pelo ruidoso da massa humana ao redor.

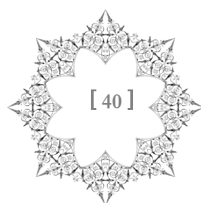
Comece a remoer o seu imo... Suas esperanças, seus sonhos,
suas atividades e suas conquistas... o que vingou... o que falhou...

Poder-se-ia diminuir aquela nódoa? (aquele tolerado engano,
de verdade travestido?). Poder-se-ia limpá-la
das camadas acrescentadas pelo descuido do tempo?

Ande! Pise sobre galhos e folhas secas de ignoradas árvores,
que ao solo, voltam e devolvem o que para viver, emprestaram.

Sinta-os e ligue-se à energia vital... para se revigorar e serenar!...

Energia que traz, para qualquer coração que se queira vergar
ao pouco de natural que resta nestes tempos... luz e paz.

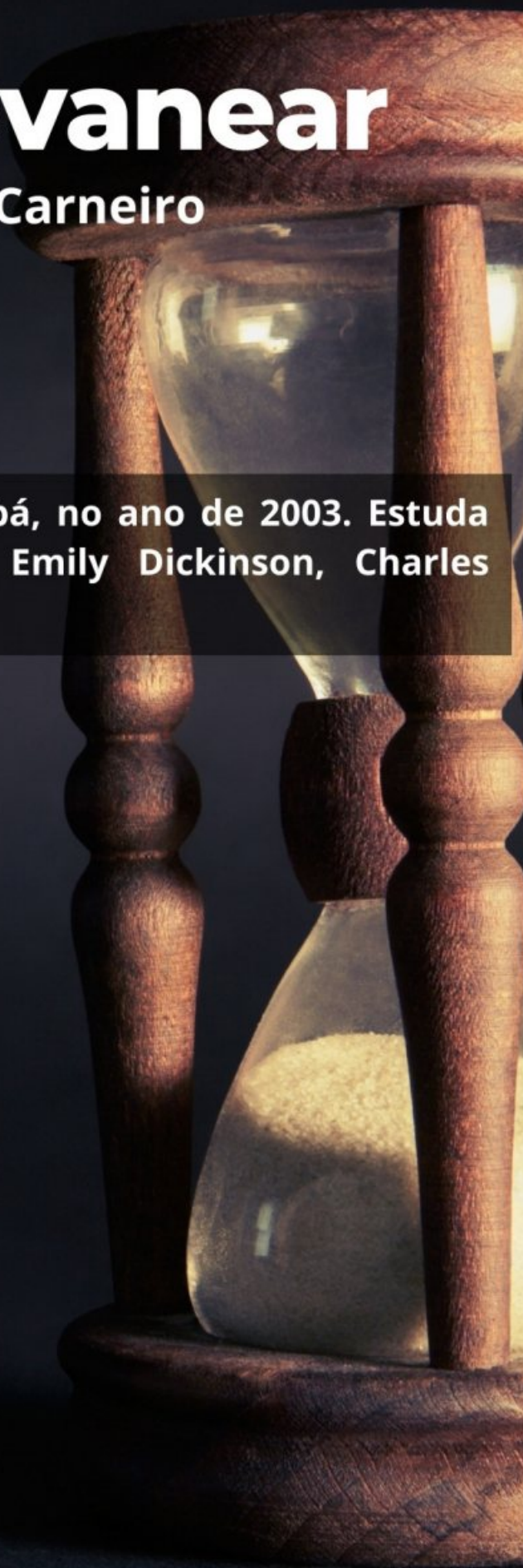


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo a devanear

Por Ulisses Rambo Carneiro

Ulisses Rambo Carneiro nasceu em Cuiabá, no ano de 2003. Estuda Escrita Criativa na PUC-RS. Gosta de Emily Dickinson, Charles Baudelaire e Fernando Pessoa.



I

Quão lustrosa é a rosa a se altear incauta!
Mas em tudo isso a mim inda há algo que falta...

II

Eu cantarei agora o passado vindouro,
Pois me atinge o ouvido uma secreta voz.
Esse eco que jamais cessa traz bom agouro,
E no peito suspeito eu que a voz é de vós.

III

A mim vós pareceis vir dos campos de sono,
Onde a vida é quieta assim como o vão trigo
Que esvoaça ao final das tinturas de outono,
Ao passo que à lembrança advém aroma antigo.

A mim vós pareceis reviver um passado
Que foi meu e não foi, morto antes da nascença.
Sois o fantasma vivo ao prado perfumado
Que antes me enfeitiçou c'uma vaga presença.

Que canto vem trazer esse suave vento
De seu país natal, do lar deixado atrás?
Um espelho seria ele de um grande alento
Que nasce como a flor que não se vê jamais?

IV

A montanha dormente ouve passos de outrora;
O orvalho pressente o prisco mar tornar,
Pois o estro e elã de uma fonte que chora
Fazem sua harmonia aos retumbos ornar.

V

A mim vós pareceis um puro destilado
Daquela mais frondosa e suave açucena
Que tanto me preenche o pulmão isolado
Com uma contrição mais serena e mais plena.

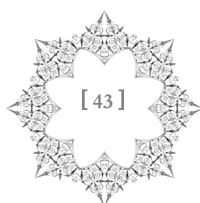
VI

Vem a chuva que açoita a vidraça mais velha
De um pátio esquecido em um forte perdido.
Meu sujo coração lá límpido se espelha
Como a sombra de um rei pelo bronze vencido.

Quais são os recitais que esconde a firme pedra?
Quais poemas senis na roída madeira?
(Ao ventre da mulher a vida inda se medra
Mesmo quando deitada ante a sacra videira).

VII

Por toda parte lanço um olhar curioso
Como se demandasse a tudo vida nova.
E eu aguardo ainda um tanto esperançoso
O vosso mudo olhar que poesia trova.

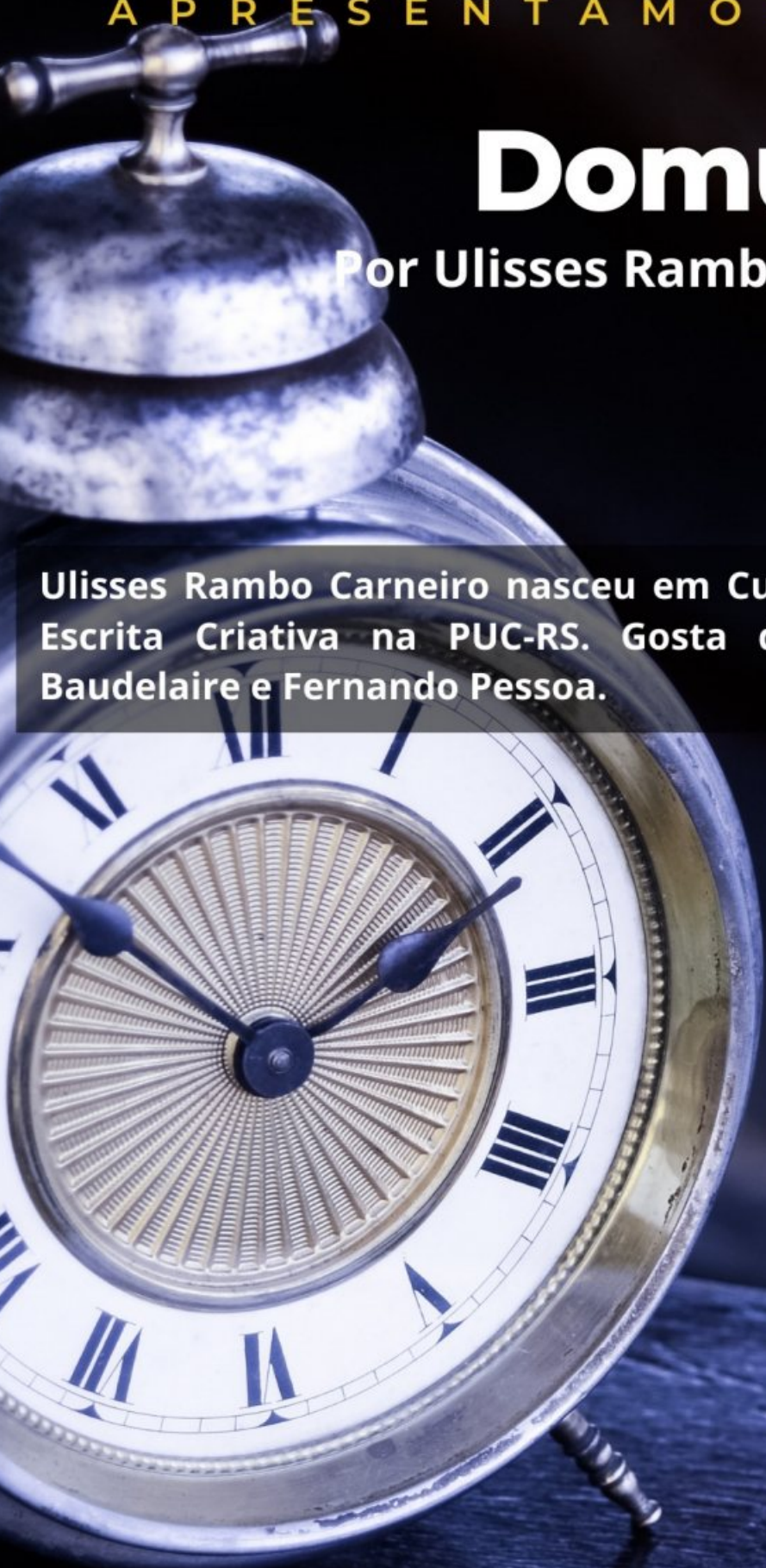


APRESENTAMOS O POEMA

Domus

Por Ulisses Rambo Carneiro

Ulisses Rambo Carneiro nasceu em Cuiabá, no ano de 2003. Estuda Escrita Criativa na PUC-RS. Gosta de Emily Dickinson, Charles Baudelaire e Fernando Pessoa.



Ora e lavora, filho de Deus,
Porque curto é o tempo ao cultivo
E logo a vida cheia de breus
Torna o humano de seus dons privo.

Ora e lavora, se vigor tens,
Porque por pouco resta o ensejo
De construir do tesouro os bens,
Que não perduram mais que um lampejo.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI